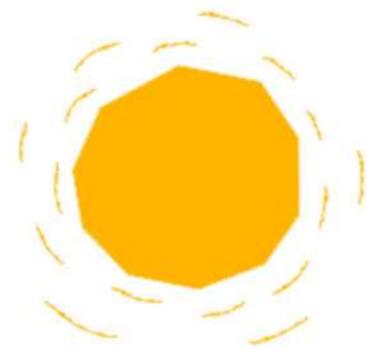


O ODISSEU

EDIÇÃO 006
JULHO DE 2022



Ariano Suassuna

Um sertanejo Universal

Raique Lucas escreve sobre a genialidade de Suassuna e o legado de sua vida e obra

80 anos de Gilberto Gil

Pedro Henrique escreve sobre o icônico "Refazenda", álbum de 1977



Os mistérios de Rachel de Queiroz

Ewerton Ulysses Cardoso escreve sobre uma das mais controversas figuras da literatura brasileira





Aqui, o Corvo azul da Suspeição
Apodrece nas Frutas violetas,
E a Febre escusa, a Rosa da infecção,
Canta aos Tigres de verde e malhas pretas.

Lá, no pelo de cobre do Alazão,
O Bilro de ouro fia a Lã vermelha.
Um Pio de metal é o Gavião
E suave é o focinho das Ovelhas.

Aqui, o Lodo mancha o Gato Pardo:
A Lua esverdeada sai do Mangue
E apodrece, no medo, o Desbarato.

Lá, é fogo e limalha a Estrela esparsa:
O Sol da morte luz no sol do Sangue,
Mas cresce a Solidão e sonha a Garça.

Ariano Suassuna
"Nascimento, o Exílio"

“Um amigo lembrou-me outro
dia
que as ironias sempre trazem seu
revés.
papéis trocados, eis aqui, vida
vadia:
fardão custoso, bordado a ouro,
vistoso,
me revestindo da cabeça aos
pés.”

GILBERTO GIL
DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA
BRASILEIRA DE LETRAS (ABRIL/2022)

Muitas lutas, um único exército

Aline Félix

"As líderes do movimento tremaram ao ver a alta e esquelética mulher negra vestida de cinza e usando um turbante branco, encimado por uma rústica boina, marchando deliberadamente igreja adentro, caminhando pelo corredor com ares de rainha e sentando-se aos degraus do púlpito. Um zunzum de desaprovação foi ouvido em todo o recinto, e pôde-se ouvir "vai falar de abolição", "direitos das mulheres e niggers", "eu te falei", "vai lá, negra!"... E mais de uma vez, tremendo de medo, vieram me dizer, insistentemente: "não deixe que ela faça um discurso, senhora Gage. Isso vai nos arruinar. Todos os jornais vão misturar nossa causa com a abolição e os niggers, e vamos acabar denunciadas." Minha única resposta foi, "vamos ver o que vai acontecer".

Trecho do livro "E eu não sou uma mulher – A narrativa de Sojourner Truth/ Contada a Olive Gilbert..

Esse é o começo do relato que Frances Gage fez em 1851, sobre a Convenção dos Direitos da Mulher, em Ohio. Gage presidia o evento.

A mulher negra a que ela se refere é Sojourner Truth e esse trecho do livro descreve o que aconteceu antes que Sojourner proferisse o famoso discurso: E eu não sou uma mulher? (Li na página Fração de Livro no Instagram)

O discurso é tão potente, que inspirou a escritora, professora, ativista (...) bell hooks, a escrever um livro com esse mesmo título.

A vida de Sojourner, mulher negra, escravizada, rendeu um livro que deveria ser leitura obrigatória nas escolas ou, pelo menos, para todas as feministas. Ele conta sobre a luta dela para salvar os filhos do destino ingrato da escravidão, fala sobre uma fé tão inabalável quanto sua coragem, sobre opressão e amor. Em seu relato, Frances ainda conta o quanto as mulheres que se encontravam no salão da

da convenção estavam acuadas, sendo subjugadas por serem minoria (sim, na convenção sobre seus direitos, elas eram minoria). Os homens até então discursavam para explicar para as mulheres porque elas não podiam votar e o motivo para eles era muito simples, a inferioridade da mulher, tanto física, quanto intelectual.

Foi então que Sojourner usou da sua voz e da sua força, mesmo sendo a única negra no ambiente, para apoiar mulheres que não a apoiariam. Entende a força disso?

Uma mulher que não tinha direito à liberdade, ergueu sua voz para que outras mulheres tivessem direito ao voto. Uma mulher que via seus filhos serem vendidos, ergueu sua voz para que outras mulheres tivessem direito ao voto. Uma mulher que não tinha direito a ter o seu nome, pois era propriedade de alguém, ergueu sua voz para que outras mulheres tivessem direito ao voto. Uma mulher que não teria direito ao voto, queria que outras mulheres, que não tinham sua cor, que não lutavam pela sua causa, tivessem os seus direitos assegurados.

Tenho pensado muito nessas questões nos últimos dias, sinto que a opressão que mulheres causam sobre outras mulheres é ainda mais violenta, porque não apenas machuca, mas segrega, cria barreiras, nos enfraquece.

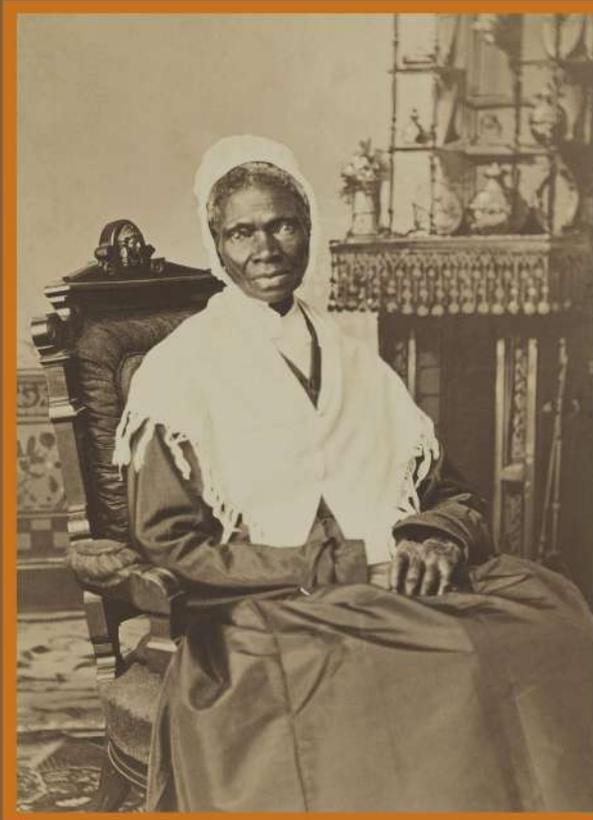
Concordo com o que a poetisa Audre Lorde escreveu:

"Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas."

Para escrever esse texto, fui pesquisar sobre os "feminismos". Já criaram 18 categorias. Categorias são caixinhas, que dividem as forças, criam diferenças.

Não temos uma causa única pela qual lutar, mas temos que ser um único exército.

Nossa força tem que ser uma, nossas vozes um só refrão de liberdade, para nossos corpos e mentes.



EU UMA MULHER?
EU UMA MULHER?

EU NÃO SOU UMA MULHER?
EU NÃO SOU UMA MULHER?
EU NÃO SOU UMA MULHER?
EU NÃO SOU UMA MULHER?
EU NÃO SOU UMA MULHER?
EU NÃO SOU UMA MULHER?
EU NÃO SOU UMA MULHER?
EU NÃO SOU UMA MULHER?
EU NÃO SOU UMA MULHER?
EU NÃO SOU UMA MULHER?
EU NÃO SOU UMA MULHER?
EU NÃO SOU UMA MULHER?
EU NÃO SOU UMA MULHER?
EU NÃO SOU UMA MULHER?
EU NÃO SOU UMA MULHER?



“Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar.

Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse.

Depois, o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha...

Alta noite, na camarinha fechada que uma lamparina moribunda alumia mal, combinou com a mulher o plano de partida.

Ela ouvia chorando, enxugando na varanda encarnada da rede, os olhos cegos de lágrimas.

Chico Bento, na confiança do seu sonho, procurou animá-la, contando-lhe os mil casos de retirantes enriquecidos no Norte.

A voz lenta e cansada vibrava, erguia-se, parecia outra, abarcando projetos e ambições. E a imaginação esperançosa aplanava as estradas difíceis, esquecia saudades, fome e angústias, penetrava na sombra verde do Amazonas, vencida a natureza bruta, dominava as feras e as visagens, fazia dele rico e vencedor.”

**TRECHO DO LIVRO “O QUINZE”,
DE RACHEL DE QUEIROZ
(Grupo José Olympio)**



Os mistérios de Rachel de Queiroz

Ewerton Ulysses Cardoso

“Uma doce anarquista”, era como se definia Rachel de Queiroz mais para o fim da vida, quando a vida política se mostrou intensa demais. Isso porque a própria vida da escritora cearense poderia render um texto de excelente enredo capaz de garantir glória a um autor desses. Entretanto, a glória era apenas dela, já que aqui, e na mente da autora, não existe qualquer coisa como um narrador maior, um compositor de destinos ou coisa do tipo.

Rachel era ateia. Disse por vezes que nascera sem “o órgão da fé” e era simplesmente incapaz de crer em qualquer deus que fosse. Vivia, segundo ela mesma, num “eterno baixo astral” que influenciava os desfechos de seus livros e ditava a vida das personagens. Apesar disso, se destacou como a maior de seu tempo e quem sabe até os tempos presentes, como membro inquestionável do cânone brasileiro.

Itamar Vieira Jr, autor do consagrado “Torto Arado”, encontra em Rachel uma influência, assim como nos demais escritores da segunda fase do modernismo em seu viés “regionalista”. Esse era outro termo que inquietava a autora, que acreditava que nenhuma questão social, política ou histórica fora capaz de moldar o seu texto enquanto Modernista da segunda fase. Para ela, era como essas coisas que acontecem por acaso: escritores começam a escrever sobre suas tradicionais regionais, ou sobre a morte, ou a criação do universo.

Na verdade, existe uma série de termos dos quais a autora desgostava, entre eles o “feminismo”. “Nunca fui feminista e sempre discordo das feministas”, afirmou em entrevista ao

Roda-Viva. Essa frase em particular serve como munição para conservadores que a tentam enquadrar enquanto uma representante do tradicionalismo e direitismo. De certa forma, ela assim foi.

Rachel de Queiroz não apenas apoiou a ideia de um Golpe Militar, como participou de reuniões com militares e era amiga pessoal de Castelo Branco, primeiro presidente da Ditadura Militar. Inclusive, Castelo Branco morreu em um acidente trágico voltando da fazenda da família da escritora. Por outro lado, rompeu com o militarismo assim que começaram as denúncias de tortura, e não se vinculou mais com ele após a subida de Costa e Silva ao Planalto. Não era a primeira vez que recuava de um posicionamento político. Afinal, lá pela década de 30, a escritora foi membro do Partido Comunista, junto a outros amigos escritores de sua época, como Graciliano Ramos.

O rompimento com o Comunismo veio por conta de sua rejeição pessoal à figura de Getúlio Vargas. Vale lembrar que o presidente/ditador perseguiu comunistas, mas recebeu apoio dos mesmos já para o final do regime, quando a democracia também não era o sonho dos vermelhos. Ademais, o Stalinismo da Revolução Russa despertou o mais profundo ódio da escritora, que rejeitou qualquer filiação com essa ideologia.

Ideologia alguma domava Rachel, que rejeitava rótulos e gostava de ser simplesmente ela mesma, por isso não rejeitava nenhuma contradição que lhe vestiam. Acontece, entretanto, que Rachel não pode ser nem símbolo de uma revolução feminista, nem do conservadorismo.

Quando a perguntavam o que ela pensava sobre o feminismo, dizia que contrária, pois homens e mulheres não habitavam os mesmos espaços sociais por questão ontológica. Ainda assim, não apresentava a ideia de que a mulher deveria se subordinar ao homem, mas sim mandar nele. Esse é um entendimento que os conservadores jamais aceitariam.

No século XXI não foi possível fugir das representações de poder da mulher, mesmo que odiasse tais etiquetas. Mas o que fazer, exatamente? Rachel foi a primeira mulher a ser aceita como Membro na Academia Brasileira de Letras, e a primeira escritora a questionar o porquê da ausência de mulheres na casa. Lygia Fagundes Telles a mencionou em seu discurso de posse na Academia, e a exaltou como aquela que abriu as portas para muitas outras.

E foi assim, de fato. Já em 2014, Daniela Mercury escreve:

**“Rachel de Queiroz, a primeira de nós
Na Academia de Letras
E Cada mulher que se impõe
Nos liberta”**

Se viva, Rachel certamente detestaria a canção de Daniela, mas não tem importância. Afinal, o artista, chega um momento, se torna domínio público, já não pertence a si mesmo. Sua vida e arte podem e devem ser representadas e entendidas como o público quer. Assim, pouco importa se Queiroz concorda em ser um ícone de libertação feminina, pois, querendo ou não, ela foi.

Divorciou-se numa época em que divórcios eram extremamente repudiados. Foi jornalista e atuou socialmente enquanto uma pessoa pública e política. Embora detestasse o feminismo, agiu com o mais profundo e íntimo sentimento de liberdade que uma mulher pode viver. Teve, de fato, o teto todo seu. E não abriu mão dele em momento algum da vida.

Seu Nome

Pedro Delavia

1 — Já reparou como nos filmes as pessoas se apresentam uma única vez, e durante todo o filme os personagens não esquecem seus nomes?

2 — Olha, pensei nisso no último filme que eu vi. Pensei em falar sobre isso com alguém, mas acabei me esquecendo. Chega a ser ridículo.

1 — Sim! Pois é, eu até conheço gente que tem facilidade para decorar nomes, mas daí a ter milhares de enredos onde todos decoram o nome de todos o tempo todo eu acho muito inverossímil.

2 — Sim, sim. Até que alguns filmes tentam tirar sarro com isso, colocando personagens falando errado os nomes dos outros personagens, criando uma ideia cômica, mas, fora isso, a grande maioria dos filmes os outros sabem nome e sobrenome das pessoas numa única apresentação.

1 — Então, eu tento comparar a ficção com a minha vida real e, posso garantir que, a grande maioria das pessoas que eu não convivo, eu acabo esquecendo seus nomes quase no primeiro minuto.

2 — Concordo, pois faço o mesmo. Sobrenome então, nem faço ideia. Pensei agora também nos livros. Quantas e quantas vezes não precisei voltar as páginas para saber quem era quem na história. É surreal alguém lembrar nome de cara, salvo a exceção que você mencionou de gente que tem facilidade para nomes.

1 — Nossa, nem me fale. Livros são um desespero, preciso escrever uma lista de personagens numa folhinha para ir lembrando quem é quem. Teve um livro que li há uns anos que tinham uns cinco John, uns três Tomas, e uns seis Jack, ou coisa parecida. Nem com minha folhinha eu sabia mais qual era qual. Um verdadeiro caos.

2 — Imagino. Eu realmente não consigo entender como alguém fala um nome como Epaminondas Anacleto se apresentando a alguém, e esse alguém consegue lembrar o nome do sujeito até o final da história, do filme ou da própria vida.

1 — Qual o nome?

2 — Viu?! É como falamos, não dá para lembrar, mesmo que fosse um simples Carlos, alguém como eu poderia chamar o sujeito de Cláudio, Clovis, ou Pedro. Hehe.

1 — Acho que esse assunto até rende uma tese completa. Nomes são fáceis quando conhecemos a pessoa por muito tempo e convivemos com elas com certa frequência. Certeza que já aconteceu com você também, de lembrar da fisionomia mas sequer saber seu nome.

2 — Óbvio! Encontro pessoas que já estudei ou trabalhei e não consigo mais lembrar seus nomes. Dia desses eu vi uma garota que costumava sair na época de faculdade, mas não consegui lembrar seu nome. Conversei com ela com frases do tipo “Ei, e aí, como vão as coisas lá?” Foi tenso.

1 — Hahaha! Sei como é. Eu estive na minha terra natal um dia desses e um parente, que nem sabia quem era, ficou me chamando pelo meu apelido, depois disse que eu e meus irmãos ficávamos sempre brincando na casa dele... foi bem embaraçoso, porque nem tenho irmãos. Hehehe!

2 — Hahahaha! Podemos concluir que os filmes e livros, ou qualquer tipo de arte que traga nomes de personagens não refletem a vida real.

1 — Sim, podemos. Podemos também continuar criticando esse aspecto da ficção, pois lembrar nomes é para poucos, ainda mais em situações atípicas. Já precisei perguntar mil vezes o nome de alguém para não me esquecer e, mesmo assim, acabo perdendo a palavra em algum momento.

2 — Exato, acontece o tempo todo comigo também. Por falar nisso, como é que você disse que se chamava mesmo?

1 — Hahaha! É Zairo, mas pode me chamar de Zairinho, ou Zazá!

2 — Zazá é mais fácil, vou tentar me lembrar. Hahaha! Mas não te prometo nada.

1 — Hahaha! Tudo bem, Cleiton, te entendo!

2 — Hahaha! Meu nome é Bruno, cara!



IMAGEM: Reprodução “Cantores” de José Soares da Silva (Mestre Dila)



Ariano Suassuna, um sertanejo universal

Raique Lucas de Jesus Correia

Dramaturgo, poeta, artista plástico, ensaísta, escritor e uma porção de outras coisas que seria longo enumerar, Ariano Suassuna, paraibano de nascença e pernambucano de coração, é, sem dúvida, um dos mais importantes nomes da literatura brasileira. Autor de peças consagradas como "Auto da Compadecida" e "Farsa da Boa Preguiça" e de obras monumentais como o "Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta" e "Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores", este último publicado postumamente, Ariano é leitura indispensável para qualquer um que queira conhecer mais a fundo a cultura brasileira e nordestina.

Com personagens e cenários ambientados no cotidiano sertanejo, tal como em Guimarães Rosa, o Sertão de Suassuna é do tamanho do mundo. Abarcado pela novela picaresca, pela literatura cortesã, pela tradição dos contos orais, pelas farsas populares, pelos folhetos de cordel e repentes do romancero, o seu Sertão revela muito mais do que um regionalismo excludente, antes apresenta-se como lugar-comum dos problemas e dramas humanos universais.

Para Suassuna, como ele próprio escreveu, "[...] o Sertão é 'um palco desmedido', no qual o homem sertanejo, como qualquer outro, coloca para si mesmo as 'questões existenciais comuns a todos os homens de todos os tempos e lugares'" (In: NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. O cabreiro tresmalhado: Ariano Suassuna e a universalidade da cultura. São Paulo: Palas Athena, 2002, p. 5).

Isso, conforme anota Marcos Vilaça, faz com que a peculiaridade regional incorporada por Suassuna em sua obra e, também, pelo Movimento Armorial, seja apreendida em sua dimensão "significante", isto é, sem circunscrever o "significado", para que a textura do Sertão permaneça sempre em aberto, afora de qualquer determinismo geográfico ou sociológico. Por esse prisma, o Sertão e o sertanejo imaginados por Suassuna, destoam das concepções neonaturalistas que inspiraram a geração de 30, para então contemplar um universo ainda mais significativo, onde o cômico e o trágico se fundem para potencializar a realidade e, com isso, revelar as belezas ocultas desse espaço mítico e poético.

Os versos do poeta João Cabral de Melo Neto sintetizam bem essa imagem de um Sertão que, apesar do "martírio secular da terra", carrega algo de belo e risível, onde a dor e o sofrimento são enfrentados pelas armas do sonho e da poesia: "Sertanejo, nos explicaste / como gente à beira do quase, que habita caatinga sem mel / cria os romances de cordel / o espaço mágico e feérico / sem o imediato e o famélico / fantástico espaço Suassuna / que ensina que o deserto funda".

Por outro lado, é preciso reconsiderar a afirmação de que a narrativa suassuniana constitui-se em uma espécie de "realismo fantástico", é, porém, o "espírito mágico do romancista popular nordestino" que ela busca captar. Essa distinção é importante, porque diferentemente do que ocorre no "realismo fantástico", na literatura popular a realidade não é desfigurada, a magia, neste caso, emana do próprio real, como algo que lhe pertence, que faz parte da vida, do cotidiano, da existência. Assim, quando Suassuna retrata a realidade sertaneja, ele não dissimula os infortúnios e flagelos vividos pela gente do Sertão, há seca, há fome e há miséria, mas também há festa, dança e alegria. Porque aquele que sofre, também ri, e o riso, embora não elimine o sofrimento, não deixa de ser uma poderosa forma de resistência, protesto e denúncia contra as injustiças.

Essa posição pode ser facilmente percebida através do seu teatro, cujos protagonistas quase sempre são pessoas do povo, pobres e famintos, que se valem da astúcia e da esperteza como meio de sobrevivência. É o caso de Chicó e João Grilo no Auto da Compadecida e Cancão e Gaspar n'O Casamento Suspeitoso. Esses "amarelinhos", como são chamados no Nordeste, não deixam de ser representações sertanejas de personagens habituais dos romances picarecos da Idade Média, além de conservarem uma certa aura circense própria da Commedia Dell'arte. Todavia, mais do que uma recriação do pícaro medieval e do arlequim italiano, esses personagens povoam o imaginário da tradição folclórica nordestina e estão presentes desde as histórias dos contos orais até os espetáculos populares, como o Mateus e o Bastião do Boi-Bumbá.

Por essa perspectiva, não seria errôneo afirmar que o teatro de Suassuna é essencialmente um retrato realístico da vida do povo sertanejo, que lhe aparece com tudo o que ela tem de cruel e violento, mas também de aprazível, deleitoso, fascinante e encantador. Conforme atesta o próprio Suassuna: "Acredito assim que, por uma inclinação que me é natural e que não forço, minhas peças reflitam o ambiente de minha região ou, pelo menos, os aspectos desta região que penso ver e que formam o cerne do que tenho a contar. Minha arte procura se alimentar dessa luz que parte do real e a ele retorna, oferecendo uma resposta domada a sua solicitação fascinante e feroz" (In: Teatro, Região e Tradição. Almanaque Armorial. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008, p. 49).

O mesmo se poderia dizer do conjunto da sua obra, ela mesma pensada como uma "Ilumiara". Inicialmente utilizado por Suassuna para se referir aos anfiteatros e monumentos arquitetônicos do passado rupestre do Brasil, o neologismo "Ilumiara" passou a servir também para designar qualquer local, espaço ou mesmo conjuntos artísticos que servissem como marcos sagratórios e de síntese da cultura de um povo. Baseado nesta última acepção é que Suassuna passou a compreender sua obra como uma "Ilumiara", toda ela compondo uma rede conectada de personagens e temáticas, em que mesmo criador e criação se confundem.

A originalidade ímpar de Suassuna e sua incrível capacidade de acolher o maior número possível de histórias, mitos, personagens e acontecimentos, esboçando tudo isso a partir de um estilo tradicional e popular, é que fazem dele um "sertanejo universal". Buscando sempre valorizar as nossas raízes culturais, sua obra representa o que há de mais autêntico e verdadeiro na cultura brasileira. Nela encontramos a expressão mais que perfeita do Brasil, do Brasil real, Brasil do nosso povo pobre, sertanejo, favelado, negro, índio e mestiço, que insurgindo-se contra as adversidades, com muito pouco e as vezes quase nada, consegue, ainda assim, improvisar beleza e enfeitar a vida.

Nesse sentido, conforme já anunciava Suassuna com o seu Movimento Armorial, "a unidade nacional brasileira vem do povo, e a Heráldica popular brasileira está presente, nele, desde os ferros de marcar bois e os autos de Guerreiros do Sertão, até as bandeiras de cavalcadas e as cores azuis e vermelhas dos Pastoris da Zona da Mata. Desde os estandartes de Maracatus e Caboclinhos até as Escolas de Samba, as camisas e as bandeiras dos Clubes de futebol do Recife ou do Rio" (In: Movimento Armorial. Recife: Editora UFPE, 1974, p. 4). Na visão de Suassuna, é o povo que mantém, até os dias de hoje, as características singulares de brasilidade e nacionalidade que, sua obra, de maneira excepcional e admirável, tenta resgatar. Se é verdade, como dizia Tolstói, que um escritor será tanto mais universal, quanto a sua capacidade de retratar as vivências e realidade locais, então, nada mais justo do que concluir este ensaio, reafirmando a universalidade da obra de Suassuna e a maestria com que foi capaz de decifrar, assimilar e representar o espírito do seu povo.



Raique Lucas é Advogado, pesquisador e escritor. Mestrando em Desenvolvido Regional e Urbano/UNIFACS. Membro do Grupo de Pesquisa Políticas e Epistemes da Cidadania/GPPEC/UNIFACS/CNPq. Autor da obra "Direito, Literatura & Sertão: Perspectivas Decoloniais a partir do Romance d'A Pedra do Reino de Ariano Suassuna" (Ed. Porta, 2022). Idealizador e coordenador do projeto "Almanaque Jurídico Armorial".



Uma alma nada covarde: Emily Jane Brontë

Lili Baillargé

Thornton, 1818, 30 de julho. Um vento feroz inicia sua jornada partindo das charnechas de Yorkshire para dilacerar espíritos pelo mundo por toda eternidade a partir de uma série de poemas e seu único romance, *Wuthering Heights*, por aqui, "O Morro dos Ventos Uivantes". Já disse outra vez em uma carta destinada à própria: "o suficiente para ser inesquecível, uma estreia e conclusão dignas de te fazer perpétua, não consigo recordar de outro nome com tal poder."

Talvez, eu seja um tanto suspeita ao falar sobre, por adorar esse tipo particular de escrita, esse jeito de falar de sentimento como que arde, queima e corrói como ácido, embora também aprecie, em degrau menor, a delicadeza e calma por se assemelhar a forma como levo a minha vida.

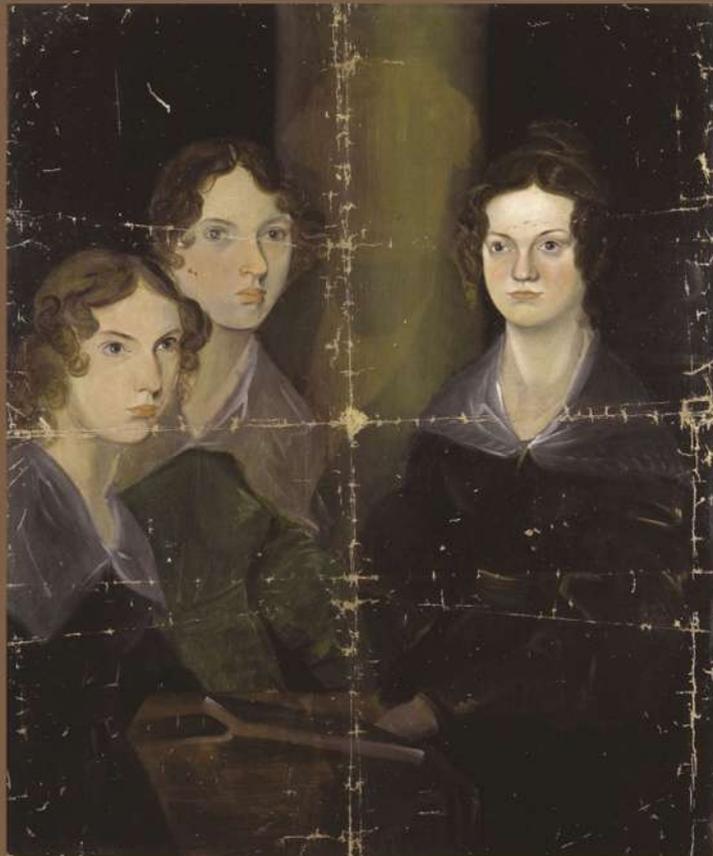
Na primeira vez que tive o romance em mãos, devorei sem gentileza, as páginas correram facilmente, os olhos sem desvios, ao mesmo tempo que ele me devorou e ainda continua a fazê-lo em um desespero, invasão e falta de etiqueta igual. Vale a pena se deixar devorar? Para mim, não há dúvida quanto a resposta, saí desse livro com todas as minhas partes antigas, mas certamente com partes novas tão ligadas a carne e a alma que soam como se já estivessem aqui anteriormente e como se jamais fossem me deixar.

Emily surge para mim em meio a um cenário de tédio da polidez, do caráter asséptico de tantas outras obras de seus contemporâneos que ensaiava passar a conhecer, mas pouco ou nada me empolgavam. *Wuthering Heights* poderia facilmente ser uma casa de qualquer livro de terror, por seu aspecto e por quem abriga, enquanto *Thrushcross Grange* lembra essas casas dos livros que me provocavam tédio pelos mesmos elementos, e, colocada no mesmo livro, acentua a essência da morada de Heathcliff e dos Earnshaw. Não, eu não sou uma amante do terror, sou uma amante da imperfeição, da estranheza, do desequilíbrio da forma e da alma, daquilo que nos lembra que somos tão animais quanto todos os outros.

Em "A Sinfonia do Caos", Marcia Heloisa diz "Emily Brontë não humaniza a natureza: ela naturaliza o humano", é sobre característica que surgiu, brotou e cresceu vigorosamente meu fascínio pela escritora inglesa. A escrita dela é tão desprovida de domesticação quanto a vegetação que a cercou no interior que viveu a maior parte da sua curta duração das batidas de coração, é difícil falar de fim de vida para alguém que ainda se sabe parte do que foi, a parte que nos foi oferecida, a migalha que banquetemos, dois séculos depois. E quanto falo em falta de domesticação é por ser uma escrita que parece não ligar se agrada ou não, ou melhor, não ligar se ofende.

É preciso muita coragem para entregar aos teatralmente elegantes leitores ingleses um romance "rude do início ao fim" que "é agreste, selvagem e nodoso como as raízes das urzes" como já dizia a irmã mais velha, Charlotte. E coragem ela tinha de sobra para criar dar ao mundo um livro tão sincero como na maioria das vezes não costumamos ser quando nos apresentamos a algo novo. Duzentos e quatoros anos de uma alma nada covarde, Emily Jane Brontë.





As Irmãs Brontë